

Coluna do Castello

Sobe a cortina e o espetáculo começa

Na prática o presidente Fernando Collor está governando desde anteontem, dia 13, quando, por intermédio do seu antecessor, mandou fechar os bancos até segunda-feira e pelo menos um membro da sua equipe, o delegado Romeu Tuma, a partir de hoje diretor da Receita Federal e do Departamento de Polícia Federal, se reunia com comerciantes de supermercados para conter a remarcação de preços. Formalmente, no entanto, só a partir das 10h de hoje levanta-se a cortina e começa o espetáculo. Por cinco anos Collor terá a responsabilidade de conduzir o país e de realizar suas promessas de mudar o Brasil, eliminando a inflação, redimensionando a máquina administrativa, liberando interna e externamente a economia e retomando o desenvolvimento nacional que foi afetado na década dos 80.



A esperança de que isso venha a ocorrer não diminuiu depois da campanha eleitoral vitoriosa. Pelo contrário, aumentou, a ponto de detectar o Ibope que 62% da população do Rio de Janeiro, que o hostilizou na eleição, incorporam-se aos que esperam alguma coisa do novo governo. Assume portanto o presidente com seu prestígio reforçado e suas responsabilidades acrescidas por ter agregado novos contingentes da população à expectativa de que faça um bom governo. Sua imagem continua inalterada inclusive com a ponta de mistério que o induz a provocar fatos novos ou a surpreender com decisões que não estavam na linha das previsões. Na fase final da formação da sua equipe, o obstinado Fernando Collor marcou pontos ao atrair para o ministério o ministro Francisco Rezek, do Supremo Tribunal e presidente do Tribunal Superior Eleitoral, e ao investir forte no PSDB.

A presença de Rezek não criou problemas para o governo mas, tendo mudado a natureza da participação desse ex-magistrado na vida pública, cabe-lhe arcar com os ônus de ter se tornado centro de debates e avaliações em que se transformam habitualmente os políticos que ascendem a posições de mando. Rezek deixa de lado seu currículo de professor e juiz e assume a condição de político. Logo, sujeita-se aos questionamentos ainda os mais agressivos como o que está fazendo Leonel Brizola relativamente à sua

decisão de ter aceito participar do governo de um presidente a cuja eleição presidiu. Não faltam a Rezek predicados para enfrentar a nova situação na qual se investiu. Não há dúvida de que ele está preparado para exercer bem o cargo que lhe foi confiado. Pela cultura, pela especialização e pela probidade nasce na pessoa do antigo magistrado um novo ente político, destinado a evoluir no novo cenário.

Outro problema que o estilo provocador do novo presidente criou foi o investimento feito no PSDB, com o convite aceito pelo senador José Ignácio para ser o líder do governo no Senado. O senador decidiu fazer que alguns de seus companheiros não ousam: seguir a vocação dos *tucanos* e inserir-se no novo sistema em cujas diretrizes confia. Com isso dá mais consistência ao ingresso no governo dos *tucanos* mais jovens que proliferam na assessoria de Zélia Cardoso de Mello, como o já indicado secretário da Administração, João Santana, companheiro da ministra na assessoria de Dilson Funaro e no governo paulista de Franco Montoro.

Por falar em Funaro, há indícios crescentes de que sua sombra projeta-se sobre o trabalho dos seus discípulos que elaboraram o programa econômico de Collor e vão executá-lo. O plano de Zélia seria um novo Plano Cruzado redimensionado para limá-lo dos erros apontados na versão original. Na medida em que prevalecer o diagnóstico, corrente entre economistas, da raiz funarista do novo plano de governo, admite-se que teremos a partir de hoje o congelamento e a prefixação de preços e salários. Isso envolve preocupações dos setores envolvidos nas teses da economia ortodoxa, que normalmente consideram Dilson Funaro um personagem do mundo das fantasias que jogou seu destino político num projeto de forte conteúdo onírico. Há quem recorde que Roberto Campos identificou em Zélia influência remanescente de Funaro, coisa que se estenderia à maioria dos economistas que recrutou para sua equipe.

Seja o que for, não há dúvida de que hoje Brasil começa a mudar. Um presidente audacioso, de personalidade forte, substitui um presidente de natureza contemplativa e conciliatória. Não se projeta uma reforma de estruturas sociais e econômicas mas uma radical mudança de processos de governar visando a mudar os resultados e a restaurar a confiança na gestão do país dentro das regras da economia de mercado e do rígido controle da máquina estatal. O perfil dos que vão ajudar Collor no desempenho da sua missão é de pessoas conservadoras, entre as quais figuram até mesmo personalidades que se distinguiram pela participação no governo que sai, como Joaquim Roriz e Romeu Tuma. Substancialmente o material humano é o mesmo, mas os ventos que sopram a partir do comando são outros. Que sejam bons esses ventos.

Carlos Castello Branco